

POR SER GAÚCHO O MEU CANTO

(Rogério Villagran/André Teixeira)

Fiz do meu canto, cruzador de tantos rumos,
Para que alcance imensidões além de mim
Ecoando longe buscando outros confins,
Levando junto as coisas que mais consumo.

Será o meu canto, parte de algo que espero
Que entropilhe na alma pampa do meu povo,
Um jeito antigo que reponta um mundo novo
Sempre no rastro da história que eu considero.

Tenho por pátria o santo chão de onde veio
O que abaguala esta bandeira que levanto
Pois sem virtude talvez um dia o meu canto
Será escravo da força de outros anseios.

E pra onde vou, quando chegar, eu lhes garanto
A minha Pátria por mim vai pedir licença
Para que o mundo reconheça a minha crença
E eu me abaguale, por ser gaúcho o meu canto...

Assim meu canto se rebusca de esperanças
E eu me enraízo cada vez mais no meu chão,
Pra que eu sustente por gosto e por tradição,
O que acredito que só a terra nos alcança.

Por isso busco nas coisas que eu acredito
Que serão sempre corpo e alma do meu verso,
Buenos motivos pra que não ande disperso
O fundamento de nunca cantar solito.

Esta é a razão que alimenta o meu empenho
Pra que jamais algo se adone desta gana
Que palanqueia a identidade pampiana
Aquerenciada junto ao cantar de onde venho.

PATALEIO

(Lisandro Amaral/André Teixeira)

A força dos barbicachos
- ilhapa em queixo dos cueras -
Retumbando a primavera
Pataleio e tiradores;
Bolcados e orelhadores...
No mangueirão, corre as vara!
Salta um co'as mão na cara
Pedindo rienda senhores!

E risca os casco rachado
Na alma verde da estância,
Desconhecendo a elegância
Que tem o nobre senhor.
Capincho no tirador,
Melena atada com vincha...
A terra viva relincha
Na estampa do domador.

“Allá” na Lata o Jacinto
Imita o vento minuano
Não sabe se é castelhano
Brasileiro - pouco importa
Grita a pinguancha na porta
Num mouro arrotando grama:
-Se tem café tu me chama,
Que é dois tirão e dou volta!

A força do pulso antigo
- Palanque em braço dos cuera -
Se confirma a primavera
Cabrestos e maneadores;
Buçal torcido e rumores
No campo santo da doma.
É quando a alma se assoma
Pedindo campo senhores!

Coragem bruta me sobra
E se ela qué eu espero.
Na senha do quero-quero
“Pido permiso señor”.
Capincho no tirador,
Melena atada co' a vincha...
A terra viva relincha
Na alma do domador.

Na taipa Ogeda é um cacique
De bombachão e sombrero;
Dois ajudante ovelheiro
E a tubianada macaca.
Cada tigre anca de vaca
E é um mandamento pampeano,
Que égua de pêlo tobiano
Se não dá ruim, dá veiaca.

Por certo o Maneco Rosa
Deve estar de espora atada.
No Batovi tem potrada
Cogotuda e sem costeio.
Nas Palma o mesmo floreio,
Mário Sérgio espora braba
Mistura sangue co' a baba
E ri no altar dum arreio.

DO RINCÃO DO PAU FINCADO

(Rogério Villagran/André Teixeira)

Eu sou crioulo do Rincão do Pau Fincado
E este jeito abagualado já de longe me apresenta
Uso por gosto um chapelão que é quase um tacho
Bem preso no barbicacho, que o vento não arrebenta.

Eu tenho um laço que não “briqueio” por outro,
Pois muito pulso de potro já golpeou por patacoada
Não sou dos taura, mas no pealo eu me garanto,
Pode vir de qualquer canto que tropica na bolcada.

Na minha terra, se um veiacó esconde o toso,
É num upa que o baldoso enreda a marca na soiteira
Na minha terra, só o que “tiremo” agarrado
É alguma beição pintado, dessas bem namoradeira.

O meu esporte favorito é um baile bueno
Aonde escuto o sofreno duma cordiona baguala
E eu me destaco, marcando firme o compasso,
Forçando a curva do braço com a mais vistosa da sala.

Mas também gosto dum domingo de carreira
E alguma festa campeira pra me luzir bem pachola
Chego assoprando e embalando um redomão,
Que ali no correr da mão, deixo sentado na cola.

Ando pilchado como manda o figurino,
Mas nada muito granfino, apenas pelo capricho
E o meu cavalo, sempre gordo e bem tosado,
Conservo bem encilhado desde o buçal ao rabicho.

Quando eu morrer, me velem numa mangueira,
E me enterrem bem na porteira, faço este pedido em vida,
E não se assustem se n'alguma madrugada
Eu gritar com a cavalhada na hora da recolhida.

No meu velório, quero farra, dança e trago,
E a bandeira do meu pago feito mortalha pra mim
E não se esqueçam que a minha história sem luxo
Conta dum povo gaúcho que luta pra não ter fim.

MILONGA E BAGUALA

(Rogério Villagran/André Teixeira)

Te sinto baguala, pelo que se apotra,
Te vejo milonga na minha encordada,
Não sinto e não vejo e pouco me agrada,
Quando uma das duas se aparta da outra.

Baguala te vejo, de um jeito pampiano,
Milonga te sinto por bordão e prima,
Se não for assim, me perco da rima,
Pois nada me adianta se eu não for vaqueano.

Milonga e baguala, viguela e garganta,
Na mesma escramuça, parece outra farra,
E pela que baila, extraviando as garras,
Não creio que alguma, pareça ser santa.

Porém acredito que seja baguala
Pela polvadeira que ergue do chão
Quando por milonga se escapa das mãos
Do que na encordada por bueno te embala.

Y por ser milonga te canta el más potro
En ruedos de doma por ser payador
Donde se luce el más espueador
Que lindo florea el poncho pa otros

Si no es baguala yo dudo que tenga
Un otro requinte que sea de agrado
De quien por costumbre ya trae milongueado
Lo que hace temblar un grito de vengá

Baguala y milonga, sonido y cadencia
Que en cada repique, alarga el espacio
Donde se rebusca de apego machazo
Lo que garantiza - tenemos querência -

Anhelo de patria que el tiempo embozala
Donde se entropillan estampa y guitarra
Al grito de forma olfateando las garras
Del mismo pelaje milonga y baguala

CAMINHADOR

(Rogério Villagran/André Teixeira)

Venho de longe e pra onde vou, faltam distâncias,
por isso estendo meu mouro pampa no corredor...
Poeira e sereno, noites e dias, sons e fragrâncias,
que me sustentam dono de mim e caminhador...

Quando a madrinha bate o cinferro puxando a frente
as minhas esporas cantam suas coplas junto ao somido
que se levanta marcando o passo, fazendo a gente
viver, por gosto, coisas de um tempo ainda não vivido...

Com a minha tropilha trago "entabladas" tantas saudades,
deixo pra trás o que não serve pra os meus arreios...
Largos caminhos só me aproximam das minhas vontades,
pois o que fica não se questiona por que não veio!

De cruzar caminhos me aquerenciei nestas lonjuras,
tenho um rancho na alma que abriga o que é meu por onde for...
Não vou descansar enquanto o sentido da minha procura,
mandar na razão de eu ser o que sou... e caminhador!

Deus me acompanha nestas cruzadas mostrando o rumo,
tenho a minha fé, sigo por ela pois acredito
que não preciso buscar atalhos pra achar o prumo,
e nem tão pouco sentir receio de andar solito.

Porque a verdade que o coração bota pra fora,
quando alma adentro pulsa uma gana de ser liberto,
mostra a certeza que estou chegando e, não indo embora,
e diz aos meus que eu ando longe, mas estou perto.

Mas quando um dia os meus anseios forem potreados,
e eu encontrar pasto e aguada pra o que desejo,
vou sombrear o riso d'uma morena do meu agrado,
pra que o mundo saiba que apenas por ela eu serei andejo.

JOÃO FACÃO

(Rogério Villagran/André Teixeira)

João Facão palmeia o cabo
dum tramontina três listas,
que até parece um pincel
sob o manejo do artista.

Reboleando com destreza,
num jogo, troca de mão;
e dum jeito debochado,
arrasta a ponta no chão.

João Facão - gato do mato -
não pisca e nem erra o pulo,
tão pouco tenteia a sorte
com tava feita pra culo.

Mas quando Deus se distrai,
brinca com as coisas do diabo
e no miolo do rodeio
escarva igual touro brabo.

João Facão destapa a cara
tombando o chapéu na nuca,
pra “inxergá” o mundo na volta
e aonde senta a mutuca.

Pisa “liviano” no chão,
espera o golpe do outro,
qual tirasse o corpo fora
do manotaço dum potro.

Na redondeza é falado,
tem fama em toda a fronteira,
por bochinchar nas bailantas
e comércios de carreira.

João Facão boleia a anca
e escora o que vem por cima.
Rebate ferro com ferro
com maestria na esgrima.

João Facão, quando atropela,
dita as regras do namoro...
Às deva, é de quina viva.
Às brincas, larga de estouro.

Porém sabe que a coragem,
por fraqueza, se anuncia,
se o medo for traiçoeiro
e a força for covardia.

João Facão - história antiga -
por justiça ou diversão,
peleava com a própria vida
no fundo de algum rincão.

Viveu no tempo em que o homem,
sem fibra, não era aceito;
E mais que ser peleador,
morria pelo respeito.

ROSALVA

(Lisandro Amaral/André Teixeira)

Abre a cancela Rosalva
que eu tô chegando estafado
Venho da estância Rosalva
Pra descansar no teu lado

Trouxe uma erva caseira
que eu mesmo cuidei pra nós
e o meu amargo Rosalva
Se adoça ouvindo tua voz

Faz vinte dia Rosalva
Que eu te prometo e não venho
sou capataz de fazenda
Único emprego que eu tenho

Mas tu me entende chinoca
meu coração fica em ti
e foi assim companheira
que nós "formamo" os guri

Trouxe um consumo minha velha
uns mogango e vergamota
a belina vem lotada
De tanta coisa da horta

As galinha poedeira
tão como páscoa em orquestra
faz ambrosia que eu gosto
do teu domingo de festa

Quarenta anos Rosalva
que tu responde meu sim
e eu campereio Rosalva
Contigo dentro de mim

CUIDADOR DE CAMPO

(Osmar Proença/André Teixeira)

Quando o galo estende o laço
Do seu canto de alvorada
Faz tempo que estou mateando
E proseando com a madrugada
De tirador na cintura
A bombacha arremangada
As bota cano virado
E as esporas bem atada

E quando o florão da aurora
Vem destapando o rincão
Já ando de pé no estribo
Cuidando da obrigação
Mirada de cuidar campo
As rédeas firmes na mão
Que esse é meu jeito campeiro
De agradar o patrão

Os cavalos que eu encilho
São bem manso e chegador
Do gateado ao doradilho
Cada qual tem seu valor
Que estampa faz o tordilho
Voluntário e tranqueador
Uma garça no lombilho
Sobre a várzea campo e flor

Minhas pilchas não tem luxo
Alguma tá remendada
No meu apero gaúcho
De enfeite só as ponteada
De que me vale a vaidade
Se o campo não cobra nada
Além de conhecimento
E corda forte bem sovada

Eu sou cuidador de campo
No posto do tarumã
Dezoito quadras e tanto
Na costa do Camaquã
Aqui onde o sol se cruza
Com a estrela de aldebarã
Pra morrer no fim do dia
E renascer pela manhã.

VERANERO

(Anomar Danúbio Vieira/André Teixeira)

Recém a peonada levantou da sesta
Que as “tarde” são grande num mês “veranero”,
A estiagem vem braba e os “dia” muy quente
E até a alma sente este sol de janeiro.

Eguada na sombra a espera do arreiro,
Que o campo do meio requer mais cuidado
Terreno dobrado, com grota e macega,
- A mosca atropela e tem gado abichado -.

A manhã foi de muda, “cambiamo” os da encilha,
Saíram às rosilhas e entraram as gateadas,
De crina tosada e “casquito” aparado
Pra se adelgaçarem, posaram encerradas.

É costume da estância, tropilhas de pelos,
Tem moura, lobuna, baia e colorada...
Nenhuma refuga boi brabo e rio cheio
Levianas de freio e ligeiras de pata.

O “Firmino” é quem doma e costeia de baixo
Paysano buenacho, “dotor” nesse ofício,
Pelego do avesso, xergão sem carona
E um basto judiado de tanto serviço.

O “Juca” só usa o preparo completo
Trançado de oito, peitera e rabicho,
Aperta os “beijudo” no meio da pança
Chega da uma ânsia de pena dos “bicho”.

O cano virado da bota surrada
Arremango a bombacha em riba do joelho,
- O véio “Florêncio” andou se aposentando -,
Mas salta calando e ainda pega parêlho.

Y entonce se bamo com Deus e assim seja
Lá longe troveja e a tarde se achica,
Na boca da noite um amargo “escumado”
E pra bóia um guisado, arroz e canjica.

MANHÃ DE RODEIO

(Edilberto Teixeira/André Teixeira)

Com a palha e em cima os gravetos
o fogo amanheceu armado
e, num upa, com os tocos secos
o galpão ficou iluminado.

Nesta manhã querendona
os galos chamaram os peões
pra conversar com a cambona
bem recostada aos tições.

Depressa formou-se a roda
dos tomadores de mate
e os pitos de fumo-em-corda
com a cuia o tempo reparte.

Do sangrador já se escuta
o moqueio das chamas tontas,
frigindo os nervos da nuca
e as duas ripas das pontas.

Com a erva usada e a água morna
e o assado que não tem mais...
Os cavalos, todos na forma,
dão a orelha pra os seus buçais.

Um peão destorce as rodilhas
de um laço que não tem dono,
e um outro desapresilha
o cabresto do cinamomo.

O capataz pegou o grito:
“-Minha gente, bamo s’imbora!”
Ficando ali um peão solito
maneando os tentos da espora.

Se foram... esporas cantando
o canto das suas rosetas
e a cuscada ía pulando
no freio de um sotreta.

Ficou só, pulseando as vacas
o peão caseiro da estância
e o sereno molhando as patas
da alvorada que vem mansa.

Na porteira da invernada
se esparrama toda a escolta.
Mate amargo, carne assada,
café bem doce na volta!

“Êêêra vaca!... ibahahá!...”
- Grita forte a peonada -
“Pega-pega humaitá!...”
- Que o sol já vem na canhada -

O gado vai levantando
com esta radiosa manhã
e, aos poucos, vai se fechando
o rodeio da Tarumã.

TAPERA DE BAILE

(Francisco Brasil/André Teixeira)

E no interior da tapera
será que vibra escondido
o som de algum instrumento?
Que num exato momento,
do ano setenta e tal,
pulsou o acorde final
que ficou preso ali dentro...

Ou será que com o tempo,
pelo céu e pelos campos
(que até estão diferentes!)
aquela noite inocente,
de baile no rincãozito,
foi terminando aos pouquitos
e é só saudade da gente?

Das reticências de vida
que ficam pelas taperas
com não sei quê de magia,
que dizer da nostalgia
do rancho onde se bailou,
se tocou gaita ou se amou,
e está tapera hoje em dia?

Quanta mentira de taita...
Quanto segredo de china...
em mil noites de fandango.
E o rancho assim, no entanto:
velho acervo de mistérios;
lembrando cambichos sérios
nas horas de mais encanto.

E até parece, é verdade,
que cada um da querência
deixou ali sua tapera;
quando recorda o que era:
o flete...a pilcha...a cordeona...
e o nome de uma ariscona
que hoje, talvez, inda espera.

Esta tapera de baile
é feito a própria lembrança
daqueles tauras de outrora,
que é donde vivem agora
ternuras de moças tantas,
que já branquearam as tranças
ou que já foram embora...

APORREADO

(Rogério Villagran/André Teixeira)

Cola curta e sem “tupete”,
Arisco, “sonando as venta”.
Com “cosca” de corda e garra,
Por malino se sustenta.

Tem gana de caborteiro
E cismas de melindroso.
Troca orelha desconfiado
E agita o fleco do toso.

Em cada festa que chega
Desperta apreço e receio,
Requintando azar ou sorte
N’algum chapéu de sorteio.

E o teu nome ganha fama
Quando um narrador confronta
As topadas mais “machazas”
Que a tua história reponta.

No palanque a tua estampa
Destapa força e imponência,
E quando sai corcoveando
Simboliza esta querência.

De cada índio ginete
Que já sentou no teu lombo,
Sabe do peso da espora
Ou do estouro dum tombo.

Falado nos entreveros
E em tardes de gauchada.
Se destaca entre os veiacos
Nos campos de gineteada.

Pra viver pelas tropilhas
Teve o destino traçado,
Pois não nasceu pra ser manso,
Nasceu pra ser aporreado.

CHURRASCO DE CAMPANHA

(Rogério Villagran/André Teixeira)

Uma fumaça levanta
No costado do galpão...
Debaixo duma figueira
Clareia um fogo no chão.

O mate corre na volta,
Passeia a canha num frasco
E enquanto o domingo alinha
Vai se ajeitando o churrasco.

Manhã bonita de sol
Que reúne a muito gosto
Toda peonada da estância,
Gente da granja e do posto.

Porém no dia de ontem
A tarde foi de carneada,
Dois “capão”, um “leitãozote”
E uma brazina pesada.

A sombra fica varrida
Com vassoura de carqueja
E com gelo e casca de arroz
Num tonel, gela a cerveja.

A salmoura numa guampa,
Espetos de “Amarilho”
E o fogo fazendo brasa
De Aroeira e Espinilho.

O assador macanudo
Com o tirador de avental,
Tapeia o chapéu na testa
E vai conduzindo o ritual.

Com um facãozito retaco
Que na chaira senta o fio,
“Resbala” um aperitivo
De matambre ou de vazio.

Como era lindo este tempo
De fartura nas estâncias,
Tempo de outros valores,
Outros gostos e fragrâncias.

Como era lindo um churrasco
Contemplando vida e rumo.
Charlas de campo e serviço,
Coisas de apego e consumo.

Os ciclos foram mudando,
As heranças repartidas
E as celebrações rurais
Foram ficando esquecidas.

Hoje o tom dos argumentos
Relacionam outros luxos,
Mas eu prefiro a humildade
Dum churrasco bem gaúcho.
AMARO, NORICO E LÉCO

(Francisco Brasil/André Teixeira)

*"La pucha! Que já está velho
este 'libuno' do Amaro
e ainda carrega o Norico!
'Libuno do Amaro', eu digo
pelo costume no mas:
foi dele há tempos atrás...
Comprou do Léco, acredito!"*

(Isto contava um gaúcho,
puxando assoprões do peito,
fazendo o fogo empeçar)
E se a gente for prosear
doutas histórias assim,
la fresca! Que não tem fim...
Porque é bem fácil lembrar!

Nem falo da matungama
que cambiando, que vendendo,
passou duma pra outra mão:
o tostado Violão;
a zaina velha Mulita;
e uma lobuna bonita
que chamavam Cerração.

Entonces vá um palita...
uma maneia ou rebenque...
venha um lenço, um maneador...
O Norico era senhor
de pechar os companheiros
nessas trocas de campeiro
adonde o gosto é o valor.

E o que se empresta, que roda
pelas estâncias, por anos,
sem que se cobre ou se peça?
Esta tesoura (pois esta!)
que traz na esquila o Amaro,
esta é do Léco (mas claro!)
que num quarteio ele empresta.

Quando se quadra uma changa
dessa que agarra o Norico,
podendo acomoda um outro:
co'o Léco levou uns potros
pra uma estância no Aceguá;
co'o Amaro foi alambrar
numas timbas do Espantoso.

Fortunas de gente pobre...
que até a sorte, de escassa,
toca pra cada, um tantito.
Nem um causo tem solitos!
Porque falando do Amaro,
não lembrar do Léco é raro
e até enxergo o Norico!
Lá d'onde eu venho

LÁ D'ONDE EU VENHO

(Rogério Villagran/André Teixeira)

Eu venho d'aonde o vento assovia na crina dos potros
que correm libertos nas imensidões dos banhadais...
E os domadores são homens que fazem tropilhas pra os outros,
que aos gritos de forma, empeçam a lida palmeando buçais...

Eu venho d'aonde o cantar das esporas ainda ressona
no embalo do trote, que leva o campeiro pra o seu compromisso,
e o rangido do basto é um sentimento apertando a carona,
sabendo que a vida, do peão de estância, se alimenta disso.

De lá de onde eu venho, eu trago a certeza que a gente é capaz
de parar o tempo por algum instante e ver de olhos fechados...
Podendo sentir que o campo é um regalo que tão bem nos faz,
escutando ao longe, murmúrios de sangas e berro de gado.

Eu venho d'aonde o aperto da cincha garante o sustento
de quem alça a perna, firmando nos loros a obrigação
de escorar o tranco, qual um laço forte que em cada tento,
forceja parelho, unindo suas forças pra aguentá o tirão.

Eu venho d'aonde os calos das mãos e as rugas do rosto
são marca e sinal, daqueles que enfrentam mormaços e geadas...
Com pilchas e garras judiadas da lida que é feita com gosto,
quando assim lhe toca, recorrer o fundo de uma invernada.

Eu venho d'aonde o mensual é um soldado disposto ao combate,
servidor da pátria, que mete o cavalo junto do fiador...
E encerra o dia com o pingo lavado e roda de mate,
recontando os feitos de um rodeio grande n'algum parador.

De lá de onde eu venho, eu trago o aroma dos galpões de encilha...
Estalar de brasas, cambona chiando e o fogo graúdo...
Onde o mundo grande se pára pequeno num rádio de pilha,
Pra amansar a vida, quando alguém de longe nos manda um saludo.

CINCO E MEIA DA MANHÃ

(Edilberto Teixeira/André Teixeira)

Cinco e meia da manhã
É hora de arriar os pelegos
Porque o céu está azulengo
E o patrão já levantou.
Logo vem surgindo a aurora,
As Três-Marias foram embora
E a Boeira ressuscitou.

Cinco e meia da manhã
Hora de encilhar cavalo,
Outra vez cantou o galo
Trepado lá na figueira.
Quando mais, senão agora,
Índio grosso não namora
Negaceia a noite inteira.

Cinco e meia da manhã
Com a vassoura ali esquecida,
Já foi feita a recolhida
E a ordenha da vaca mansa.
Um cardeal num pé de Amora
Com seu canto comemora
A manhã clareando a Estância.

Cinco e meia da manhã
Bota os seus ossos de ponta,
Ligeiro como uma lontra
O peão velho agarra média.
Pega um tento e ata a espora
Com os dedos sujos de fora
E com o cavalo pela rédea.

Cinco e meia da manhã
Hora de parar rodeio,
Logo o peão balança o freio,
Com o cheiro de picumã.
Companheiro não se escora
E só o peão que é caipora
Queima o assado de manhã.

RITUAL CRIOULO DE UM DOMINGO DE CARREIRA

(André Oliveira/André Teixeira)

Buçal e cabresto de doze
Uma maneira nas mão
Xergão cardado no lombo
Carona, basto e cinchão.
Ajusto bem a peiteira
Nos “tento” o poncho emalado
E afivelo o rabicho
Com o sabugo escorado.

Um pelego de merino
Com o carnal bem sovado
E o travessão estendido
Sobre a badana de pardo.
Par de rédea e cabeçada
Da parelha do apero
Onde espelha o sol de Maio
Na larga chapa do freio.

Moldando a anca eu ato
O laço no estilo pachola
E um nó feito a capricho
Com quatro galhos na cola.
Aperto entre os pelego
Deixando as “ponta” estendida
Do pala branco de seda
De franja grossa e comprida.

Tiro a chave e o criolim
Pra folgar o patuá
E coloco meia de canha
Preparada com butiá
Então com as pilchas de gala
Busco a volta e me enforquilha
Deixo os campos da estância
Na direção do “Coentrilho”.

Meu zaino roda o coscorro
Me dá ganas de estradear
Pra “vê” uma penca de potro
Na cancha do Leomar.
Jogar a tava gaúcha
E um truço à moda fronteira...
E “floreá uns beijo pintado”
Num Domingo de carreira.

AMANHECIDO

(Fábio Maciel/Zé Renato Daudt/André Teixeira)

(1º parte)

A manhã pedindo cancha
Sobre a missa dum balcão
Onde o padre é um bolicheiro
E a canha é quem dá benção

Vão doutrinando os paisano
Num batismo de fronteira
Que vai fazendo esparramo
Na 'idéia' de quem clareia

Quem "rezou" a noite inteira
Num altar tradicional
Campeando o rumo das casa
E pecador no ritual...

Ainda vai retumbando
Na cabeça um bordoneio
E o sol "cozinha" sem pressa
Quem vai firmando os arreio

Nas rédea - um santo rosário -
Que vem o corpo benzendo
Pena que a borracheira
Traz as duas mão tremendo

NO RANCHO DO TIO HOMERO

(Igor Silveira/André Teixeira)

(1º parte)

Quebro o cacho a canta-galo
Como quem vai "pras carrera"
Lenço maragato, cataluñã negra
E um entono mais gaúcho
Do que um quadro do Berega.

Pego o rumo do Vom Bok
E o rastro do bandoneon
No Rancho do tio Homero
A "bandona" não perde o tom
Lá tem carpeta e cachaça
Lá só se encontra o que é bom.

Dê-lhe fole na "bandona"
Que hoje eu "tô" pela anarquia
Quero me "tapá" de trago
No tranco "dessas guria"
E o que "sobrá do meus caco"
Vai "trabalhá" no outro dia!!!

VANERA PRA DANÇAR CONTIGO

(Sérgio Carvalho Pereira/André Teixeira)

(2º parte)

O baile antigo, tem pouco, mas não se acaba
Já toquei no Catuçaba e amanhã vou pro Suspiro
Tive notícia que tu bailas no Sodré
E as vezes larga de a pé, pra dançar lá no Retiro.

Se me tocou ser homem dos arreio
Fazer corda com floreio, puxar arame em moerão.
Tenho as “mão grossa”, pra ser fino na guitarra,
Mas pra vanera e chamarra vem sobrando a inspiração.

Ah! Se eu te encontro! Num salão de chão batido
Vou cantar no teu ouvido, vou arrodar na tua cintura
Vou te contar que te escrevi uma vanera
Fiz em cima da estriveira, sem papel, sem partitura.

